

Brasília, o fim do talento criador



A. C. SCARTEZINI
Da Sucursal de BRASÍLIA

Aos 15 anos, Brasília está renunciando aos seus projetos originais de criar "um novo estilo de vida urbana" e favorecer a "especulação intelectual livre criadora", sendo conduzida ao modelo tradicional pelos seus administradores, incapazes de resolver os problemas com o mesmo talento dos criadores da cidade. Em três pontos fundamentais, sobretudo, consolidou-se o sacrifício do homem ou do novo estilo de vida, por intermédio de opções realizadas pelos administradores isoladamente: na circulação e áreas verdes onde a prioridade agora é para automóvel; na integração sócio-cultural, em desintegração; e atendimento social, com a degeneração da assistência populacional. Afinal, como acaba de observar o cineasta sueco Vilgot Sjöman, Brasília é diferente do resto do País, mas não os seus habitantes, os quais são parecidos entre si e semelhantes aos brasileiros de outras regiões. E essa semelhança humana projeta-se em toda sua dimensão sobre a cidade, fixando nela os mesmos desníveis comuns ao modelo nacional. Assim, por exemplo, as crianças da Ceilandia, uma favela erguida pela administração local, possuem uma idade mental atrasada dois anos em relação às do Plano-Piloto, segundo conclusão de uma pesquisa recente.

A renda bruta anual média do brasileiro, da mesma forma, reflete os desníveis. Atualmente, no Distrito Federal a média é 6.560 cruzeiros, mas apenas no Plano Piloto vai a 14.910, caindo na Ceilandia para 1.990 cruzeiros. No Plano Piloto, 23,45 por cento das famílias apuram menos de ... 1.560 cruzeiros mensais, mas na Ceilandia são 94,64, enquanto em outras duas cidades satélites, Braslândia e Gama, os índices são de 93,79 e 89,09 por cento.

Segundo ainda a Companhia de Desenvolvimento do Planalto (Codeplan), empresa do governo local para planejamento, 40 por cento dos brasileiros moram em condições habitacionais precárias (ou seja, barracos), embora na Ceilandia o problema atinja praticamente toda a população de 106 mil pessoas. No entanto, adverte a Codeplan, os atuais planos habitacionais atendem apenas às famílias de renda média e alta, 204 mil pessoas no Distrito Federal não vivem em habitações próprias.

Apesar de tudo, a prioridade da atual administração é viária, de modo a facilitar a circulação de automóveis, justamente os responsáveis pelo asfíxiamento das ruas da Asa Sul do Plano-Piloto e pela criação do principal problema da cidade. Pelos automóveis, viadutos se erguem no Plano-Piloto e jardins viram estacionamentos, enquanto o nível de resistência da comunidade a essas alterações declina diante da persistência dos administradores.

Trata-se de uma opção condenada pelo urbanista Lucio Costa, que já sugeriu duas iniciativas, o transporte coletivo e o favorecimento de pedestres, fora dos projetos governamentais. A respeito da primeira, confessou o autor do Plano Piloto que "sempre imaginei que em Brasília fosse possível organizar um sistema de ônibus impecável, como nas cidades que conhecemos pelo mundo todo, onde o usuário viaja normalmente, civilizadamente". A respeito da segunda, o urbanista pediu que o problema fosse "encarado de frente e de forma decisiva", pois, afinal, o caminhar do pedestre é uma necessidade.

Vazio social e cultural

Há seis anos em Brasília, vindo de Minas, o sociólogo Fernando Correia Dias, um especialista em problemas urbanos, descobriu na cidade várias funções vazias, o que leva, às vezes, uma instituição a tentar ocupar o lugar de outra inexistente, mas com limitações e favorecendo a atuação de grupos estranhos de interesse. Assim, não tendo a cidade uma representação política própria, a Associação Comercial tenta se transformar em "fórum de debates", porém orientada pelos seus interesses e sem uma visão de maior profundidade social.

Mas o problema mais sério não está na participação social propriamente, porém em seu desdobramento cultural. Nesse sentido, observa Correia Dias: "As condições comunitárias da vida intelectual têm fluído bastante, mas creio que hoje não se pode queixar de excessivo marasmo, graças à atuação de certas instituições, oficiais ou não. Há um aspecto, contudo, que me intriga. Vejo uma contradição entre o decantado sossego brasileiro, a calma para o trabalho, por um lado, e, por outro, o que me parece ser uma baixa produção intelectual. Para ficar apenas num aspecto, o escritor

residente em Brasília publica relativamente pouco".

Essa participação cultural tem um sentido mais amplo, destacado pelo sociólogo da Universidade de Brasília, envolvendo "em termos de Cultura Brasileira em nossos dias, a dimensão da cultura de massas, cujos produtos, às vezes exógenos, se criam em série e têm difusão imediata; a cultura tradicional, de raízes populares, que vive hoje através de certas manifestações com o artesanato, o catolicismo devocional, o folclore e a arte popular. De modo efetivo e significativo, nenhuma dessas dimensões de cultura brasileira se cria em Brasília. Sob esse aspecto, somos uma cidade reflexiva".

Apesar de tudo, Fernando Correia Dias acredita que o brasileiro possui, em relação aos outros brasileiros, melhor perspectiva da realidade nacional como um todo. "Talvez seja ele (o brasileiro) o brasileiro que efetivamente possa transferir de modo mais consciente a sua lealdade do plano da comunidade ao plano nacional". Encontra o sociólogo, em relação à participação social, "uma aspiração difusa, latente, mas muito forte, entre os brasileiros no sentido de alcançar essa participação. Uma integração psicológica, econômica, social, vejo essa forte aspiração entre os que chamarei de moradores de segunda classe, não porque sejam inferiores, é claro, mas por não terem maior acesso aos bens culturais e materiais da comunidade".

Então, descobriu Correia Dias que a baixa participação social e cultural criou uma característica na programação das emissoras de rádio de Brasília. Observou o sociólogo "um gosto generalizado pelos programas em que os locutores dialogam com os ouvintes, mesmo em emissoras que, em certas épocas, pretenderam alcançar audiência na chamada classe A, as quais também acabaram cedendo às preferências do ouvinte médio brasileiro".

"Por que essa forma de coloquialismo da linguagem? Que significa essa necessidade de sair do anonimato por parte de moças e rapazes que trocam ofertas de músicas, mandam recados íntimos pelo rádio? Esse padrão corresponde a um traço geral da cultura brasileira, identificado como comportamento informal? Ou significa maior necessidade, peculiar ao brasileiro, de se comunicar com o mundo, de participar da vida da comunidade? São as emissoras que perceberam essa necessidade ou a necessidade de se lhe impôs?" — indagou o sociólogo.

Jovem e poeta, Heitor Humberto de Andrade, baiano, é outro perplexo diante da situação cultural que se cristaliza em Brasília, caracterizada por um processo de degeneração deflagrado nos últimos anos e que superou as otimistas perspectivas lançadas desde a criação da cidade. Esta é a segunda vez em que ele reside em Brasília. Na primeira, segundo confessa, veio "tangido pelo

sonho de uma universidade livre e aberta", porém, ao conhecer o "campus", com outros escritores em visita à cidade, encontrou "um ambiente tenso, com guardas armados e estudantes inquietos, culminando tudo em uma batalha implacável dentro da biblioteca". Agora, na segunda tentativa de fixação na cidade, foi atraído "por essa espécie de universidade aberta que é o Congresso", onde participa do trabalho jornalístico.

Com visão crítica e fria adquirida no conhecimento de outras cidades e contextos, Heitor Humberto de Andrade encontra em Brasília "uma tristeza generalizada, uma grande instabilidade emocional nas pessoas, a cidade em si é um imenso esqueleto sem a vibração inicial, deixou de ser um canteiro de obras para ser apenas uma cidade incompleta". O próprio brasileiro, em sua opinião, é "um solitário, que se acomoda com o passar do tempo, enquanto a falta de perspectiva no trabalho o faz um homem preso a uma possível aposentadoria e, com tempo, queira ou não, adquira uma visão provinciana".

Segundo Heitor de Andrade, a atual dinamização das atividades parlamentares poderia despertar o brasileiro, "mas as galerias da Câmara e do Senado estão sempre vazias, parecendo mesmo que a cidade foi projetada para burocratas, apáticos e indifentes ao que não seja o seu trabalho específico".